18:24 82%

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Desafinado

O duro discurso do pastor Silas Malafaia no ato da Paulista, em que atacou o STF, incomodou aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). "Ele saiu do tom. Todo mundo lá em cima [do caminhão de som] ficou surpreso. Não foi para isso que viemos aqui", disse o deputado federal Alberto Fraga (PL-DF). Para o líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (PL-RN), Malafaia falou como pastor. "Ele não é da política. Todo mundo que é da política falou com moderação", declarou.

TÔ P DA VIDA O fato de a organização do ato ter ficado a cargo do pastor também gerou ruídos. Amigo de Bolsonaro há décadas e seu ex-assessor, Waldir Ferraz não conseguiu autorização para subir no caminhão de som. "Uns merdas que chegaram ontem estão lá em cima e eu tenho que ficar mendigando para subir. Deixaram o [Silas] Malafaia cuidar, deu nisso", afirmou.

MELHOR IMPOSSÍVEL Alheio às críticas, o pastor estava esfuziante ao fim do evento. "Foi top", disse ao Painel, enquanto era cercado por admiradores.

TURBULÊNCIA O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) não conseguiu chegar a tempo do ato. Ele participou da Cpac, nos EUA, conferência da direita americana, onde encontrou-se com o ex-presidente Donald Trump. Chegaria domingo (25) de manhã, mas o voo foi cancelado.

IRMÃO CAMARADA Praticamente invisível no ato, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) cumprimentou Bolsonaro com um abraço e tapinhas no Palácio dos Bandeirantes, antes da ida à manifestação. Ele não discursou, nem teve o nome anunciado. O emedebista foi aconselhado por aliados a não comparecer, mas decidir ir de olho no eleitorado cativo do ex-presidente.

TMJ O discurso de Bolsonaro caminhava para o fim quando a ex-primeira-dama Michelle sinalizou ele para não esquecer de agradecer à PM ali presente. O ex-presidente então mandou uma saudação ao efetivo que estava na Paulista. No final do ato, muitos bolsonaristas fizeram selfies com policiais.

EXPANSÃO Um dos responsáveis pela implementação das penitenciárias federais, o ex-diretor do Depen (Departamento Penitenciário Nacional) Maurício Kuehne diz que a fuga de dois detentos de Mossoró (RN) "não poderia ter acontecido". Ele avalia que o gradeamento das unidades deve ser aprimorado e as cercas, eletrificadas. Apesar disso, defende que cada capital do país tenha uma unidade federal.

MISSÃO IMPOSSÍVEL Kuehne trabalhou no órgão do Ministério da Justiça entre 2005 e 2008, nos primeiros governos Lula, quando 4 das 5 unidades existentes hoje foram inauguradas. Segundo ele, há quatro barreiras de segurança separando o preso do mundo exterior. "Que passe por uma, por duas, mas por quatro não dá", diz.

DEU RUIM A convenção estadual do PSDB de SP neste domingo (25), que vinha sendo promovida como o marco da nova fase de pacificação da sigla, terminou sem acordo. O principal entrave é a falta de consenso sobre o presidente do diretório. Marco Vinholi, que era o favorito, passou a enfrentar resistência pela ligação com João Doria.

AVANÇO Pela primeira vez, o concurso de procurador do estado de SP, realizado sábado (24), teve cotas raciais e para pessoas com deficiência. Das 135 vagas para o órgão, que defende o Estado em contenciosos, 30% foram destinadas a negros e indígenas, e 5% a PCDs. "Isso vai ao encontro do nosso posicionamento a favor da inclusão e de ações afirmativas", diz José Luiz Souza de Moraes, presidente da Associação dos Procuradores do Estado de SP.

Com Guilherme Seto e Danielle Brant

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90	R$ 44,90

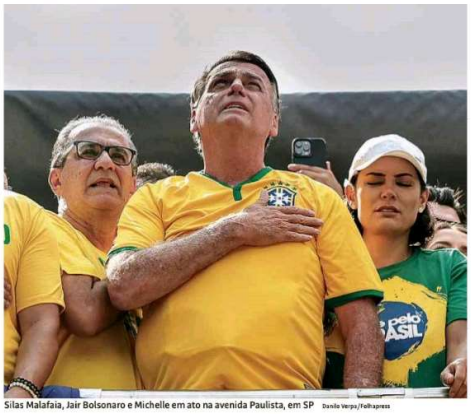
EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
796.948 exemplares (dezembro de 2023)

Bolsonaro reúne milhares, nega trama golpista e pede pacificação e anistia no 8/1

Na avenida Paulista, ex-presidente critica penas pelos ataques aos Três Poderes e aponta 'abuso' de alguns, mas sem citar o Supremo



Silas Malafaia, Jair Bolsonaro e Michelle em ato na avenida Paulista, em SP Danilo Verpa/Folhapress

Ana Luiza Albuquerque, Artur Rodrigues e Fábio Zanini

SÃO PAULO Acuado diante de investigações em torno de uma trama golpista, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) reuniu milhares de apoiadores neste domingo (25) na avenida Paulista, em São Paulo, e fez um discurso no qual maneirou a conhecida agressividade contra o STF (Supremo Tribunal Federal), disse buscar a pacificação do país e pediu anistia aos presos pelo ataque golpista de 8 de janeiro de 2023.

Ao longo de sua fala, toda de improviso, o ex-presidente também reclamou do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) por estar inelegível, criticou o STF pelas penas impostas aos que participaram dos ataques de 8 de janeiro, agradeceu aos presentes, lembrou da facada que sofreu e fez um balanço de seu governo.

Bolsonaro também reclamou do "abuso por parte de alguns que trazem a insegurança para todos nós".

O ex-presidente fez ataques ao presidente Lula (PT), sem citar o petista, disse que tem levado "pancadas" e falou em "perseguição" imposta contra ele, especialmente após ter deixado a Presidência. Nesse momento, criticou a imprensa em geral e disse que jamais participou de uma trama golpista em 2022.

"O que é golpe? É tanque na rua, é arma, conspiração. Nada disso foi feito no Brasil", disse. "Agora o golpe é porque tem uma minuta do decreto de estado de defesa. Golpe usando a Constituição? Tenha paciência", disse o ex-presidente, ao admitir a existência de um texto nessa linha.

A investigação da Polícia Federal que mira Bolsonaro tem como uma de suas bases mensagens e delação do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro na Presidência da República.

Outros elementos ainda em fase de investigação são a reunião de teor golpista na qual, em julho de 2022, o então presidente sugere formas para atacar o sistema eleitoral e, já após a eleição, o papel dele na elaboração de uma suposta minuta de decreto na qual seria fundamentado o golpe de Estado.

> **O que é golpe? É tanque na rua, é arma, conspiração. É trazer classes políticas para o seu lado, empresariais. É isso que é golpe. Nada disso foi feito no Brasil**
>
> **Jair Bolsonaro** ex-presidente, em ato na av. Paulista

Fora esses pontos que vieram à tona em recente operação da PF, Bolsonaro coleciona uma série de evidências anteriores de tom golpista.

O ex-presidente já foi condenado pelo TSE por ataques e mentiras sobre o sistema eleitoral, por exemplo, e é alvo de diferentes outras investigações no STF. Neste momento, ele está inelegível ao menos até 2030.

O ato deste domingo atraiu milhares de pessoas. Ao menos quatro quarteirões da Paulista ficaram superlotados. Havia bolsonaristas, mais espalhados, em cerca de dez quarteirões da avenida.

A Secretaria da Segurança Pública do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) e a Polícia Militar, subordinada à pasta, bateram cabeça sobre a estimativa de público.

Ao fim do dia, o secretário Guilherme Derrite, bolsonarista, postou que 750 mil pessoas estiveram no protesto.

A PM não costuma mensurar o público nesse tipo de evento, o que foi reiterado pela assessoria de imprensa da pasta no início da tarde.

Às 19h, oficial de plantão na sala de imprensa da PM reiterou a informação. A reportagem, então, procurou mais uma vez a secretaria, que afirmou que o ato teve aproximadamente 600 mil pessoas na avenida, e 750 mil contando público das ruas adjacentes.

O número de 750 mil era justamente o que a organização do ato dizia aguardar.

Bolsonaro, protegido por colete à prova de balas e escudos posicionados por seus seguranças, fez a sua declaração ao público em cima de um trio elétrico ao lado de aliados como Tarcísio, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, o pastor Silas Malafaia e o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), que busca o apoio do ex-presidente para as eleições deste ano.

Também estiveram no ato os governadores Romeu Zema (Minas Gerais), Jorginho Mello (Santa Catarina) e Ronaldo Caiado (Goiás) —todos aliados que disputam o espólio eleitoral de Bolsonaro.

Valdemar Costa Neto, presidente nacional do PL e também alvo da PF sobre a trama golpista, esteve horas antes na Paulista e fez apenas uma rápida saudação ao público. Segundo decisão do STF, ele e Bolsonaro não podem conversar durante as investigações.

Coube a Malafaia o discurso mais duro da tarde. Ele fez críticas ao STF, ao TSE e à atuação do ministro Alexandre de Moraes durante as eleições de 2022, além de ter feito insinuações sem provas sobre um suposto papel do presidente Lula no ataque de 8 de janeiro, organizado por bolsonaristas em 2023.

Malafaia foi o principal organizador do ato. Ele não é investigado pela PF em torno da trama golpista. Tanto que ao final de sua fala fez uma provocação ao STF e disse não ter medo de ser preso.

O ato foi aberto com uma oração feita pela primeira-dama Michelle Bolsonaro. Entre os que também discursaram, estiveram Tarcísio, o senador Magno Malta (PL-ES) e os deputados Nikolas Ferreira (PL-MG) e Gustavo Gayer (PL-GO).

O prefeito Ricardo Nunes (MDB), candidato à reeleição em São Paulo, não discursou e ficou em uma posição discreta no carro de som.

Michelle foi a primeira a discursar. Ela chorou no início de sua fala, falou em sofrimento dos aliados de Bolsonaro e chamou todos de "povo de bem". Disse ainda que sua fé tem sido renovada diante do que chama de "injustiças" contra o seu marido.

Durante a manifestação, as bandeiras de Israel foram onipresentes. Item obrigatório entre os camelôs, a bandeira do país foi escolhida pelo ex-presidente no primeiro aceno ao público em cima do trio elétrico.

continua na pág. A6